

## Cartaz do Ginástico: a tragicomédia de Iago

**Barbara Heliodora**

([www.barbaraheliodora.com.br](http://www.barbaraheliodora.com.br))

A paixão pode cometer tantos enganos quanto o ódio, e, no caso da montagem de “Otelo”, de William Shakespeare, em cartaz no SESC Ginástico, a paixão de Diogo Vilela pelo papel de Iago é uma prova disso.

Em uma tragédia, um engano comum é diminuir a estatura do antagonista para ressaltar a importância do protagonista. Neste “Otelo”, o engano é bem mais grave, pois diminui a estatura do protagonista para ressaltar a importância do antagonista. O resultado é que, em lugar da tragédia de Otelo, temos uma espécie de tragicomédia de Iago.

O rótulo de “a melhor peça de Shakespeare” se deve à impecável economia da construção da trama, da justeza de seu enredo único, em que uma das figuras mais nobres (se não a mais nobre) de todo o cânone é destruída por um antagonista esperto e mesquinho, que explora justamente suas virtudes, seu conceito de justiça, sua crença na integridade alheia. Para que o clima trágico se estabeleça, é preciso que Otelo, que “descende de uma linhagem de reis”, se apresente com estatura e dignidade que deixem desde logo bem claras as razões da estima e do respeito com que é tido o mouro, que é o principal general veneziano. Qualquer engano destrói o equilíbrio da obra, a própria tragédia.

A atual encenação espelha os desacertos de seus diretores, Diogo Vilela e Marcus Alvisi, na interpretação do texto, que é saturado de acréscimos não somente inúteis como prejudiciais (o tempo desperdiçado com danças, viagem marítima e repetidas e inúteis interferências de soldados mais orientais do que venezianos). Além disso, há gratuitas mudanças de cenário e figurinos excessivos, em prejuízo do ritmo e do fluxo do compacto texto shakespeariano.

A cenografia de Ronald Teixeira complica o que não pede complicações, enquanto os figurinos de Pedro Sayad são, em sua maioria, injustificáveis, deixando o Doge ridículo, afofado em dobras e bordados, os soldados com uniformes e cabeças desastrados, Desdêmona rebrilhando em nylon, e Otelo com um melancólico conjunto que lhe rouba qualquer possível dignidade.

A luz de Jorginho de Carvalho não faz maior contribuição, e a trilha sonora se perde entre tambores e música russa do século XIX.

A dupla direção raramente faz com que personagens que dialogam olhem um para o outro. Muitas vezes faz com que o personagem seja trazido para a frente do palco e fique de costas quando deve falar com alguém que ficou no fundo, e tem um fraco por marcas no chão, sentadas, deitadas ou de joelhos. A falta de atenção ao mundo da ação fica exemplificada em detalhes como Brabantio, triste com o casamento da filha, sentar-se no trono do Doge para descansar.

Com a única exceção de Diogo Vilela, que poderia realmente, com uma direção clara e firme, fazer um bom Iago, o elenco é fraco. Luciano Quirino não tem domínio técnico e nem a força e a presença necessários para o papel de Otelo, e Marcella Rica não tem idade ou físico para Desdêmona, e tampouco mostra maior promessa de intérprete. Reinaldo Gonzaga, como Brabantio, e Rose Abdallah, como Emília, são os mais contidos e melhor se defendem no elenco de apoio. Miguel Thiré não tem presença nem experiência para o papel de Cássio, enquanto o Rodrigo de Mauro Gorini é um desastre total. Rubens Araújo, o Doge, fica afogado em seu figurino, e, de modo geral, estes, como os restantes, ignoram totalmente o que seja a linguagem corporal para um texto de época.

É uma pena. Esse “Otelo” custou bem mais caro do que seria necessário, com elementos visuais de gosto duvidoso, sem conseguir se aproximar do que seja, realmente, a tragédia do Mouro de Veneza.

(publicado em *O Globo*, Segundo Caderno, em 16 de março de 2008, p. 2)